

Representações em conflito: a construção literária dos fronteiriços nos Estados Unidos da América e no Rio da Prata durante o século dezenove

CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI

*Professor Associado do Departamento de História
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

INTRODUÇÃO: AMÉRICA COLONIAL, FRONTEIRAS E AMBIGUIDADES

Os estudos sobre fronteiras me acompanham desde os trabalhos de Mestrado e Doutorado, sempre voltados para o âmbito do Rio da Prata.¹ Minhas atividades docentes na Graduação e na Pós-Graduação, assim como minhas pesquisas, relacionam-se também à História da América, e seguem privilegiando os espaços e gentes das fronteiras. Assim, este artigo se relaciona a estudos mais amplos derivados do projeto de pesquisa *Senhores da guerra em espaços fronteiriços: o norte do México e o Rio da Prata na primeira metade do século XIX (c.1810-c.1850)*, que desenvolvi nos últimos anos. Ao longo do trabalho, a importância que em ambos os espaços os intelectuais dedicaram às suas fronteiras, às ocupações dos respectivos territórios e às características sociais dos povoadores, chamou a atenção do grupo de pesquisa. Como consequência, boa parte dos esforços dedicados às fronteiras americanas passou a trilhar a senda também fronteiriça entre a História e a Literatura, o que trouxe como resultado uma produção bibliográfica já significativa em nosso meio acadêmico, e que enseja novos trabalhos de investigação num terreno ainda pouco explorado.² Antes de entrar no tema propriamente dito, são necessárias algumas considerações preliminares.

A palavra fronteira, no seu sentido mais amplo, refere-se, mais que a um limite, a uma zona de passagem, por si só carregada de ambiguidades. Portanto, quando nos referimos às fronteiras americanas no século XIX, não

podemos pensá-las apenas como espaços divisórios entre países ou regiões dados *a priori*; torna-se mister o entendimento delas enquanto construções históricas, resultando as fronteiras de complexos processos de ocupação e transformação da natureza, carregadas, portanto, de determinações econômicas, sociais, políticas e culturais muito variadas. As zonas fronteiriças assim pensadas assumem características ímpares, revelando miscigenações culturais próprias, bem como práticas econômico-sociais e políticas originais.

Os comportamentos dos “homens das fronteiras” são também “fronteiriços”: a autonomia política em relação aos centros de decisão, a pouca adesão a normas ou diplomas legais, as formas pouco convencionais no tratamento do “outro”, e as relações econômicas estabelecidas nestes espaços fazem recair sobre esses homens um elevado grau de dúvida quanto às suas lealdades e intenções; os fronteiriços são aqueles que ocupam, e portanto guardam suas fronteiras, mas não há confiança em relação aos seus eventuais desmandos por parte dos respectivos governos. Há quase sempre a impressão de que as fronteiras são distantes, mal cuidadas, mas não há possibilidades de um controle maior.

A conquista da América comprovou isto a partir da primeira fronteira, isto é, a beira da praia. O conhecimento do ambiente natural, de caminhos e rotas de suprimentos, utilização dos alimentos americanos, além de uma vida familiar, seriam impossíveis sem esses estreitos laços estabelecidos com os “outros”, e sem esta ampla mestiçagem. Disso tinham consciência as autoridades dos primeiros tempos, e mesmo o clero fazia vistas grossas para as relações matrimoniais entre europeus e nativas; uma primeira geração de fronteiriços por todos os lados foi formada por mestiços. Somente mais tarde houve preocupação das autoridades e dos representantes do clero em reprimir as uniões mistas, estimulando a vinda de mulheres das metrópoles.

Além das relações com as nativas, eram muitas as queixas quanto ao comportamento desses fronteiriços. Afastados da civilização, tinham costumes condenáveis: deixavam de cumprir os sacramentos da Igreja, eram irreverentes com as autoridades, desrespeitavam propriedades e famílias alheias. Eram, no entanto, os melhores “mateiros”, os melhores guias, os melhores intérpretes dos gentios; eram os únicos capazes de promover a conquista das terras interiores, arregimentarem nativos para expedições em busca de riquezas, reais ou mitológicas, e aumentar as posses das coroas às quais serviam.

E na medida em que avançavam as fronteiras, repetiam-se os contatos com diferentes “outros”, e se reproduziam os intercâmbios. As bandeiras que assolavam os guaranis do Guairá e do Tape eram formadas por uns poucos brancos, que chefiavam alguns milhares de tupis, e todos falavam uma língua “geral”, não o português. Já no Chaco, *abipones* e *mocovíes* negociavam com os soldados espanhóis, transformando-se de caçadores em traficantes de cavalos, mulas e gado bovino. Nos pampas, *bombres sueltos* mestiços tinham incorporado muitos dos hábitos dos naturais da terra; por outro lado, os indígenas haviam aprendido a domar os cavalos, e seus *toldos* aderiram ao consumo das reses vindas com os colonizadores. Situações semelhantes se deram no norte da Nova Espanha, ao sul da Capitania do Chile, na Nova Inglaterra e em outras tantas regiões.

Mas se essa, *grosso modo*, foi uma realidade nas chamadas “fronteiras civilizatórias”, onde os fronteiros não podiam se privar dos contatos e das miscigenações como estratégia de sobrevivência, não foi muito diferente quando houve confronto de diferentes “civilizações” nos mesmos espaços. Nesses casos, redesenhavam-se alianças, e os europeus exploravam as disputas tribais em função de seus interesses. Inseridos em atividades semelhantes, numa mesma paisagem, os fronteiros de diferentes procedências acabam desenvolvendo uma cultura fronteiriça própria, superando as diferenças linguísticas com a adoção de muitas expressões do “outro” ou criando neologismos de uso comum, além de muitas vezes constituírem famílias mistas, geradoras de novos mestiços.

Dessa forma, as questões das fronteiras americanas sempre se caracterizaram pela miscigenação cultural, produzindo por isso sociedades peculiares, nas quais as atitudes dos fronteiros eram também “fronteiriças”, gerando muitas desconfianças nos representantes da “civilização”, fossem eles leigos ou clérigos. Em 1776, os Estados Unidos da América inauguraram o processo de formação dos Estados nacionais no continente, exemplo que seria seguido pelos latino-americanos de norte a sul nas primeiras décadas do século XIX. Isso trouxe uma enorme mudança para as populações fronteiriças em geral, buscando novos espaços para expandir os territórios nacionais que se desenhavam, e em muitas partes as fronteiras tornaram-se alvos importantes das políticas que se inauguravam.

Nos centros administrativos que se constituíam nesses jovens países, recém liberados das tutelas metropolitanas, muitos políticos e intelectuais

preocupavam-se com o futuro das nações que tentavam construir, buscando explicar e ultrapassar as dificuldades encontradas; nessas empreitadas, os homens da fronteira serão vistos ora como aqueles que extremaram a luta pela dominação da natureza, dos indígenas e das ambições de “civilizados” de outras partes, ora como portadores de uma marca atávica dada pela miscigenação e temperada pelas agruras da natureza agreste. Esses conjuntos de representações tiveram circulação nos variados países, mas pesaram de distintas maneiras na América do Norte e na do Sul.

PIONEIROS: DA LOUISIANA ÀS MONTANHAS ROCHOSAS

A imagem mais difundida do pioneiro é o *trapper*³: roupas e *mocassins* de couro, o gorro de castor, e o *tomahawck* indígenas, mais o longo fuzil de carregar pela boca! As acirradas disputas entre França e Inglaterra pelas terras do norte foram momentos de afirmação para esses homens adaptados à fronteira e que, de caçadores e mercadores de peles, tornaram-se guias das tropas metropolitanas, quando não chefes de milícias e agentes de complicadas alianças com as tribos nativas. O *trapper* americano aprendeu com os caçadores franceses – e ambos com os indígenas – os segredos da sobrevivência nas matas, e se tornou o primeiro modelo de “homem da fronteira” difundido pela América do Norte.

O exemplo ímpar destes *frontiermen* foi Daniel Boone, nascido na Pensilvânia em 1734. Muito jovem, viveu na fronteira da Carolina do Norte com a Louisiana francesa, como caçador; nas suas expedições, chegou à Flórida em 1765, e foi dos primeiros a pisar o Kentucky em 1775. Daniel Boone ganhou fama pela autobiografia *The Adventures of Colonel Daniel Boone*, escrita e publicada por John Filson em 1784, com ampla difusão nos Estados Unidos e na Europa; pela primeira vez apareciam referências sobre aqueles que “love to roam through wild forests and make their homes on the wilderness”, anunciando que “Daniel Boone, the Kentucky rifleman” pertencia a este tipo.⁴ No relato de Boone, aparecem suas lutas com os *cherokee*, mas também as boas relações com os *shawnee*; essa era a postura típica do fronteiro que, para superar os selvagens, torna-se parecido com eles, mantendo-se cioso de sua importância para o país: “This account of my adventures will inform the reader the most remarkable events of this country”.⁵ Além de famoso como *pioneer*, Boone tirou proveito

de seu papel como destacado *ogers*. Daniel Boone, além de tudo, foi um destacado *scout* dos patriotas na Revolução de 1776, portanto um dos fundadores da nação.

Muitos desses caçadores procuraram trilhas para o oeste, antecipando a expansão americana. A compra da Louisiana aos franceses, em 1803, motivou o governo dos Estados Unidos a explorar o país até o Pacífico. A mando de Jefferson, iniciou-se em 14 de maio de 1804 a expedição de Meriwether Lewis e William Clark. Saindo de Saint Louis, subiram o rio Missouri, em cujas planícies fizeram contatos com os *dakota*, mais tarde *arikaras* e *mandans*, que lhes forneceram as canoas, comida e vestuário para chegarem até as Montanhas Rochosas. Entre os *mandans* viviam caçadores franco-canadenses; a mulher de um deles, a índia *shosbone* Sacagawea Lewis e Clark com sua tribo, era criadora de cavalos, essenciais para a travessia das Rochosas em direção ao Pacífico.

A publicação do diário da expedição em 1814⁶ foi o que incentivou a ida de outros aventureiros para o oeste, atrás de novos santuários de caça e contatos com tribos ainda desconhecidas. A maior parte deles mantinha relações com as índias, e a fronteira se tornava um território mestiço, com trocas de peles por armas e tecidos e bebidas para os índios. Já era expressiva a presença de “homens da montanha”, cujas façanhas já lhes davam fama de quase selvagens nas cidades do leste. Porém era inegável seu papel na expansão do território até a Califórnia e o Novo México, aparecendo os primeiros conflitos com autoridades mexicanas.

Estava pronto o terreno para uma literatura autóctone, e o sucesso das obras de James Fenimore Cooper superaram quaisquer autores nos Estados Unidos. A série batizada *The Leatherstocking Tales* foi iniciada com *The Pionners*, editado em 1823, apresentando Natty Bumppo – “*hunter, scout, pathfinder, trapper*”⁷ – já na maturidade (a aventura é datada em 1793), pretendendo viver seus últimos anos na fronteira, onde a caça ainda é abundante. A roupa quase toda indígena do herói explica a origem do título da série:

(...) he wore a cap made of foxskin (...) A kind of coat, made of dressed deerskin with the hair on (...) On his feet were deerskin moccasins, ornamented with porcupine's quills after the manner of the Indians, and his limbs were guarded with long leggings of the same material of the moccasins, wich, gartering over the knees of his tarnished buckskins breeches, had obtained for him, among the settlers, the nickname of *Leatherstocking*.⁸

As pretensões de Bumppo esbarram no avanço da “civilização” com suas leis e a defesa da propriedade privada, movendo-o a uma nostálgica procura de terras livres onde possa recuperar a liberdade perdida. Aqueles que avançam a fronteira são vitimados pelos povoadores que lhes seguem, mas abrir novos espaços era o destino dos pioneiros.

O livro mais conhecido de Cooper foi o segundo da série, *The Last of the Mohicans*, de 1826. O tempo recua para 1757, e Bumppo, na plenitude dos trinta anos, é acompanhado pelos *moicanos* Chingachgook e seu filho Uncas. O livro tem como palco a guerra entre ingleses e franceses, aliados respectivamente dos *delaware* – de cuja grande nação fazem parte os últimos *moicanos* – e dos *mingoes*. Com seu nome indígena de Hawkeye, a descrição do caçador branco se assemelha àquela do primeiro livro referida antes:

*He wore a hunting-shirt of forest green, fringed of faded yellow, and a summer cap of skins which had been shorn of their fur. He also bore a knife in a girdle of wampum, like that which confined the scant garments of the Indians, but no tomahawk. His moccasins were ornamented after the gay fashion of the natives (...)*⁹

A bravura do *scout* branco e dos índios contrasta com a inaptidão dos ingleses.¹⁰ Mesmo assim, o *frontiersman*, que aprendeu com os *moicanos* a vida na fronteira, não abre mão da sua identidade étnica, e mantém uma liderança que advém da sua superioridade “natural” sobre os parceiros indígenas¹¹. Significativo disso no romance, a possibilidade de uma união mista como resultado do amor entre o *moicano* Uncas e Cora, a filha do coronel inglês Munro, é cortada pela morte trágica dos dois ao final da história.

Em 1827 Cooper lançou o terceiro livro da série, *The Prairie*, sobre os últimos anos de Bumppo, “from the Atlantic states, to the eastern shores of the Father of the Rivers”.¹² Volta a ambiguidade de *The Pioneers*, onde a busca da natureza intocada arrasta um caudal de seguidores que fará a destruição dos espaços conquistados: “placing the ‘endless river’ between him and the multitude his own success had drown around him, and seeking for the renewal of enjoyment which were rendered worthless in his eyes, when trammelled by the forms of human institutions.”¹³ Se algumas fórmulas anteriores se repetem, a novidade são personagens predatórios e degenerados, dando ao livro uma visão mais realista da fronteira: “(...) the great American desert would be the abode of nomadic hunters and herdsmen and possibly

the more lawless elements of society.”¹⁴ O oeste dos povoadores que levavam a “civilização” era também o refúgio dos *outlaws*, também eles paradigmas da fronteira.

Apenas em 1840 Cooper retomaria a série com a publicação de *The Pathfinder*¹⁵, cuja ação se passa dois anos após os incidentes de *The Last of the Mohicans*. No ano seguinte publicou *The Deerslayer*, no qual mostra os primeiros passos do jovem Bumppo entre 1740 e 1745; com presumíveis dezoito anos, dos quais dez entre os *delaware*, ele ainda é apenas um caçador de cervos: “The Delaware have given me my name, not so much on account of a bold heart, as on account of a quick eye, and an active foot. There may not be any cowardice in overcoming a deer, but certain it is, there’s no great valor”.¹⁶ A saga de Bumppo leva-o a matar seu primeiro índio, quando então, numa espécie de rito de passagem, conquista o nome guerreiro de Hawkeye. Nessa época, no entanto, a epopeia da fronteira se transferira para o longínquo sudoeste, no conflagrado território do Texas.

TEXAS: A NOVA FRONTEIRA E O MARTÍRIO DO ÁLAMO

Na década de 1830, as questões fronteiriças se deslocavam cada vez mais para oeste, e envolveriam um Estado nacional ainda em afirmação, o México, especialmente na antiga província de Las Tejas¹⁷. Já no ocaso do período colonial, a Espanha preocupava-se com o vazio populacional de Las Tejas, onde viviam umas três mil pessoas, pois poderia atrair criminosos fugidos da lei. Assim, foi bem vindo o pedido de Moses Austin, do estado do Missouri, de colonizar parte da província com trezentas famílias, que se converteriam ao catolicismo e jurariam fidelidade ao reino. Seu filho, Stephen Austin, iniciou o povoamento da província em 1821, pouco antes da independência do México; as novas autoridades aprovaram o projeto de Austin, que assegurava ordem e produção para o Texas.

Austin tratou de manter longe os aventureiros “leatherstocking and longrifles”¹⁸ garantindo que “no frontiersmen who has no other occupation than that of hunter will be received by me”, e que entrariam apenas “no drunkard, no gambler, no profane swearer, no idler”.¹⁹ O difícil controle da fronteira permitiu, no entanto, que o Texas se tornasse um santuário para fugitivos da justiça de vários estados americanos, e no final dos anos vinte os

anglo-americanos já eram mais de sete mil. Em 1824 a nova constituição do México juntou os estados de Coahuila e Texas, buscando reequilibrar a população de origem hispânica. A redução da autonomia dos texanos provocou algumas revoltas as quais Austin e seus milicianos anglo-americanos reprimiram, mantendo suas lealdades ao México.²⁰

Dentre tantos perseguidos nos Estados Unidos, vieram alguns dos protagonistas da futura saga texana. Um deles era Jim Bowie, afamado na Louisiana pelo uso imoderado de álcool e pelos duelos a faca²¹; no Texas casou-se com uma jovem de família importante, converteu-se ao catolicismo e enriqueceu na especulação com terras. Em 1833, após perder a família numa epidemia de cólera, voltou às suas tropelias. Dois anos depois, quando eclodiu a rebelião texana, Bowie seria coronel dos voluntários americanos em San Antonio. Também se destacaria William Barrett Travis, advogado da Carolina do Sul, de onde fugira após matar um desafeto em duelo; no Texas, tornara-se jogador e proxeneta. Ainda bem jovem Travis foi nomeado coronel das forças que combateram o exército mexicano.

Já o futuro comandante das forças texanas, Samuel Houston, era outro *frontiersman* de reputação discutível. Nascido no Tennessee, viveu entre os *cherokee*, e fez parte das milícias que combateram os *creek*, chegando ao posto de general. Auxiliado pelo seu comandante Andrew Jackson, futuro presidente dos Estados Unidos, chegou a governador do seu estado. Essa carreira foi interrompida pelas constantes bebedeiras, ao ponto dos *cherokee* terem-lhe dado o apelido de Big Drunk.²² Abandonado pela esposa e renunciando ao cargo, Houston migrou em 1832 para o Texas, que via como uma terra da promessa: “I knew that a great destiny waited for me in the West”.²³

Em 1835 agregou-se a esses homens aquele que tinha a mesma aura mitológica que tivera Daniel Boone: David Crockett, nascido em 1786 numa cabana de pioneiros do Tennessee²⁴. Na guerra contra os *creek*, Crockett iniciou-se como miliciano; mais tarde adquiriu fama como caçador de ursos, e com este prestígio elegeu-se deputado pelo Tennessee em 1821. Com essa biografia de *frontiersman* tornou-se representante dos posseiros que rumavam para oeste, sendo reeleito até 1833. No seu último mandato rompeu com o presidente Andrew Jackson, que criara o Partido Democrata, e tornou-se um emblema dos *whigs*, que usavam sua imagem de pioneiro como propaganda; seu nome então se difundiu ainda com a publicação de sua autobiografia em 1834. Derrotado nas eleições de 1835, rumou para o Texas, onde seria coronel dos voluntários do Tennessee.

Não há fotografias de David Crockett; os retratos mostram-no com roupa e gorro de pele, o longo rifle Kentucky e a faca de caça; esta imagem de *leatherstocking* transportada para o Texas recriava ali a luta pela independência americana, e este era o apelo que os membros do “partido da guerra” – Houston, Travis, Bowie, entre tantos – ecoavam, clamando por mais adeptos para a luta que viria. Não era casual que os soldados irregulares fossem chamados de *minutemen*, como os milicianos que lutaram pela independência. A convocação de Houston era clara: “Let each man come with a good rifle and one hundred rounds of ammunition – and come soon.”²⁵

A situação se deteriorava pelo aumento de imigrantes dos Estados Unidos no norte mexicano. No Novo México, também escassamente povoado por cinco mil mexicanos, desde 1821 predominava o comércio com os Estados Unidos, e o território tornou-se o paraíso de mercadores e contrabandistas do Missouri. No Texas, o número de posseiros passara de vinte mil em 1834, chegando a trinta e cinco mil em 1835, dez vezes mais que os mexicanos. Mesmo representando o “partido da paz”, Austin, afirmava que tentativas para conter os imigrantes seriam “like trying to stop the Mississippi with a dam of straw”.²⁶

A tomada do poder no México pelo general Santa Anna, o vencedor do exército espanhol, trouxe esperanças e a autonomia do Texas que permitia a adoção de uma constituição estadual aos moldes americanos; no entanto, temendo as intenções separatistas dos texanos, Santa Anna prendeu seu principal negociador, o moderado Austin, e ordenou a invasão militar do Texas para liquidar a rebelião que crescia. Os *minutemen* ganharam os primeiros combates, forçando Santa Anna, em pessoa, a comandar seis mil homens para dar fim à ameaça de secessão. Mesmo assim, em 2 de março de 1836 foi proclamada a República do Texas, e Sam Houston foi nomeado como comandante em chefe do exército.

Na sua guerra de guerrilhas, Houston ordenou a Bowie que destruísse o forte do Álamo, próximo a San Antonio, para privar o inimigo de uma base sólida. Mas Bowie e Travis tentaram resistir com 182 homens ao assédio de Santa Anna; entre eles estavam Davy Crockett e os voluntários do Tennessee. No dia 6 de março, 2.600 mexicanos atacaram o Álamo e mataram todos seus ocupantes, entre eles Travis, Bowie e Crockett. Isso, ao invés de abalar os rebeldes, estimulou a vinda de mais voluntários americanos, enquanto Houston, com suas guerrilhas, esgotava pouco a pouco os inimi-

gos. Antes da batalha de San Jacinto, quando derrotou e obteve a rendição de Santa Anna, usava o exemplo dos guerreiros do Álamo para emular os soldados: “Trust in God and fear not! The victims of the Alamo (...) cry out for our vengeance. Remember the Álamo”!²⁷

A independência do Texas seria propalada nos Estados Unidos como uma segunda afirmação dos norte-americanos, e os símbolos construídos resgatavam os feitos dos antigos pioneiros e seus feitos na guerra de emancipação contra os ingleses. Os antigos proscritos eram agora heróis incontestes e representavam as qualidades americanas. Mais que todos, Davy Crockett era o grande ídolo nacional! De 1835 até 1856 foram editados os *Crockett Almanacs*, contando suas aventuras como caçador e matador de índios, até sua morte no Álamo. Também foi muito popular na época uma peça de teatro sobre sua vida, chamada *The Lion of the West*. Os norte-americanos deram um nexos entre a expansão para o oeste e sua luta em busca de liberdade e autonomia; assim, o futuro *Manifest Destiny* tinha já suas bases culturais e ideológicas bem plantadas.

A independência texana foi um preâmbulo para a guerra contra o México, pela qual este país perderia para os Estados Unidos – contando-se aqui o próprio Texas, que seria anexado em 1846 – mais de um terço de seu território. A luta contra os índios e o desenvolvimento da economia pecuária transformaria o antigo caçador num outro modelo, o cavaleiro, o soldado dos regimentos que os Estados Unidos mandavam para reprimir os levantes indígenas, ou o *cowboy* que cuidava e transportava os rebanhos – este também portador de um estereótipo que foi copiado dos vizinhos trabalhadores nos *ranchos* mexicanos. Nas paragens do oeste – ainda atrativas para indivíduos de comportamento desviante – tornaram-se também lendários alguns *outlaws* e as implacáveis autoridades que os combatiam, e suas histórias tinham sucesso no mercado editorial das cidades do leste.

Completavam-se os ditames do Destino Manifesto, que favorecia a riqueza e a liberdade para os empreendedores. O grande propagandista da visão idealizada do oeste seria um antigo *cowboy*, *scout* da cavalaria, caçador de búfalos, oficial do exército, deputado e, finalmente, ator e produtor de espetáculos para as plateias do leste e da Europa: William Frederick Cody, cognominado Buffalo Bill. Bill Cody criou um famoso circo, onde reproduzia combates com autênticos índios das planícies como o cacique dos *síoux* Touro Sentado ou personagens famosos como o pistoleiro Wild Bill Hickok;

desempenhava ele próprio um papel de protagonista, e também escreveu uma autobiografia²⁸.

A fronteira construía ainda suas representações, que eram acolhidas avidamente pelos consumidores dos centros “civilizados”, mas faltava a chancela da ciência, e esta surgiu com a obra de Frederick Jackson Turner, o historiador que fez da fronteira seu objeto de análise²⁹. Publicando seus trabalhos a partir de 1893, Turner afirmou que os fronteiriços distantes dos grandes centros urbanos e sequiosos de liberdade criaram o verdadeiro “espírito americano”; este reverteria para as cidades do leste a importância da iniciativa individual, do trabalho para enriquecimento próprio que resulta no bem coletivo da nação, da supremacia da vida rude e singela em relação aos requintes encontrados nas cidades e, principalmente, uma ideia de democracia advinda da ausência tutelar do Estado e do cotidiano nos grandes espaços.³⁰

PELAS BANDAS DO RIO DA PRATA

O primeiro “diagnóstico” sobre o espaço fronteiriço platino foi feito pelo “ilustrado” Félix de Azara, funcionário do reino espanhol, em sua célebre *Memória Rural* de 1800.³¹ Preocupado com o avanço português, Azara fez uma dura avaliação do modo como viviam as gentes na campanha, atribuindo o atraso a uma “determinação” natural, em que o meio ambiente é responsável por duas razões contraditórias: pela sua hostilidade, trabalhando no sentido do embrutecimento, e pela sua abundância, responsável pela ociosidade. Para reverter este processo, seria necessária uma mudança em dois sentidos: desenvolvimento de comunicações que desfizessem o isolamento, e mudanças na atividade econômica, trazendo populações “superiores” que vissem no trabalho da terra uma possibilidade de riqueza e que, ao buscarem sua riqueza individual, trouxessem o bem da coletividade. Em suma, era preciso transformar os latifúndios pecuários em pequenas propriedades agrícolas, criando uma classe social voltada para o progresso.³²

No Rio da Prata do século XIX, vivia-se a transição da antiga sociedade colonial para uma articulação com capitalismo inglês, que enfrentava dificuldades muito grandes. A falta de um grupo hegemônico que se impusesse, e a resistência das oligarquias periféricas à construção de um Estado nacional,

provocara um longo período de lutas internas, praticamente ininterruptas de 1810 a 1862, quando se sacramentaria o pacto conhecido por Estado Oligárquico. Fundamentalmente o que acontecia era um choque de interesses entre os *unitários*, a elite pecuária de região portenha, detentora da produção de exportação e dos direitos aduaneiros, contra as demais oligarquias interioranas, os *federales*, que recusavam esta dominação e que almejavam manter as autonomias provinciais.

Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, que viveram neste meio como os principais representantes da chamada *generación de 1837*, procuraram pioneiramente as causas para o atraso da Argentina (e da América) em relação às nações desenvolvidas. Suas obras justificavam o modelo liberal de desenvolvimento nacional, e eram muito originais para a época ao tentarem provar “cientificamente” suas ideias. Os dois foram ainda muito atuantes na política: primeiro aliados na luta contra Rosas; mais tarde como adversários ferrenhos no período que se seguiu à queda do poderoso governador de Buenos Aires. Aqui serão tratadas comparativamente duas obras canônicas: *Facundo*³³, escrito em 1845 por Sarmiento, e *Bases*³⁴, publicado por Alberdi em 1852; eventualmente, algumas outras obras desses autores serão usadas para corroborar algumas ideias.³⁵

CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: O HOMEM E A TERRA

Um dos pontos essenciais tanto em Sarmiento quanto em Alberdi é a questão racial. A dicotomia entre civilização e barbárie tem neles uma ampla relação de equivalências que termina necessariamente em “homem europeu” e “homem americano”. O europeu, especialmente do norte, é um tipo humano “superior” ao ameríndio, ao negro e ao asiático. Sarmiento trata assim a questão: “El pueblo que habita estas extensas comarcas, se compone de dos razas diversas, que mezclándose forman medios tintes imperceptibles, españoles y indígenas”; além destes, “la raza negra ha dejado sus zambos y mulatos”. Assim, “de la fusión de estas tres familias ha resultado un todo homogéneo, que se distingue por el amor a la ociosidad y incapacidad industrial.”³⁶ A questão racial é de suma importância para Sarmiento que, anos depois, buscaria “provas” no evolucionismo.³⁷

Alberdi tinha ideias análogas. Em *Governar é Povoar* – preâmbulo à edição brasileira de *Bases* –, é clara a noção de superioridade do branco particularmente dos anglo-saxões, como neste paralelo entre América do Norte e do Sul: “Povoar é civilizar, quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada. (...) Povoar, porém, não é civilizar, senão embrutecer quando se povoa com chinos e com índios da Ásia e com negros da África”.³⁸ Em *Bases* aparece o papel negativo do passado ibérico para o progresso: “La exaltación del carácter español, que nos viene de raza, y el clima que habitamos, no son condiciones que nos hagan aptos para la política, que consta de prudencia, de reposo y de concesión”³⁹, o que impedia a adoção das “doctrinas puritanas de Massachussets, con nuestros peones y gauchos que apenas aventajan a los indígenas.”⁴⁰ No entanto, Alberdi não adere ao evolucionismo, e até rechaça a teoria demográfica de Malthus para a América: “Los Estados Unidos tienen la palabra antes que Malthus con su ejemplo práctico en materia de población; con su aumento rapidísimo han obrado los milagros de progreso que los hace ser el asombro y la envidia del universo.”⁴¹

Para os dois, o “progresso” passaria por mudança na ocupação dos espaços: justificativa-se o incentivo para a imigração europeia, que teria, a partir de então, uma conotação de “depuração” racial, essencial dentro da tarefa “civilizadora” do Estado. Papel análogo teve mais tarde a *conquista del desierto*, com a ocupação militar da Patagônia, extermínio das *tolderías* indígenas e apropriação privada das terras.

Outra causa “natural” do atraso, especialmente por Sarmiento, seria o meio ambiente. Entrava em jogo extensão territorial que implicava num “vazio” populacional relativo, além da hostilidade da natureza: “Esta extensión de las llanuras imprime, por otra parte, a la vida del interior cierta tintura asiática que no deja de ser bien pronunciada”, que favorecia “el predominio de la fuerza brutal, la preponderancia del más fuerte, la autoridad sin límites y sin responsabilidad de los límites y sin responsabilidad de los que mandan, la justicia administrada sin formas y sin debates.”⁴² A vida rural trazia o convívio com o sangue derramado dos animais e o manejo dos cavalos, o que daria a base para as montoneras das guerras civis: “Los niños ejercitan sus fuerzas y se adiestran por placer en el manejo del lazo y de las boleadoras”, tornando-se jinetes “cuando la pubertad asoma, se consagran a domar potros salvajes”; em conseqüência, “principia la vida pública, diré, del gaucho, pues que su educación ya está terminada.”⁴³

Além disso, a geografia do país justificava um governo *unitario*, centralizado em Buenos Aires, pois se tratava da única saída para o mar, ao contrário dos Estados Unidos onde, mais que o passado de suas colônias, tinha uma “ancha exposición al Atlántico y las diversas salidas que al interior dan en San Lorenzo al Norte, el Misisipi al sur y las inmensas canalizaciones al centro. La Republica Argentina es una y indivisible”.⁴⁴

Em Alberdi, também a geografia de grandes espaços vazios contribuiria para reverter homens e animais ao estado de selvageria: “Assim, a Europa exerce na América uma ação civilizadora, ao passo que a América exerce sobre a Europa uma reação em sentido oposto. Isto sucede no homem como sucede nos animais.” Prosseguindo, acentua: “Como deserto, o novo mundo tem uma ação retardatária e reacionária sobre o antigo”.⁴⁵

Somada à “natural” inferioridade das raças na América, a ação negativa do meio ambiente tornava os homens selvagens, ociosos e virtualmente irreduzíveis à “civilização”. Isso é paradoxal, porque este mesmo meio ambiente hostil e bravo foi tratado pelos autores como um fator de estímulo ao progresso, como veremos no tópico a seguir.

AS CIDADES E O DESERTO: “FEUDALISMO” NA AMÉRICA

O mesmo pampa que lembrava os desertos da Ásia e justificava o embrutecimento do homem, por outro lado provia generosamente as suas necessidades básicas; para Sarmiento, isto era mais um entrave para o progresso: “La procreación espontánea forma y acrece indefinidamente la fortuna; la mano del hombre está por demás; su trabajo, su inteligencia, su tiempo no son necesarios para la conservación y aumento de los medios de vivir.” Desta forma, uma organização social “superior” era supérflua, e por isto “fáltale la ciudad, el municipio, la asociación íntima, y por tanto, fáltale la base de todo desarrollo social; no estando reunidos los estancieros, no tienen necesidades públicas que satisfacer: en una palabra, no hay ‘res pública’.”⁴⁶

Também para Alberdi o progresso tinha uma relação direta com a luta pela vida: “O homem produz não em proporção da fertilidade do solo que lhe serve de instrumento, senão em proporção da resistência que o solo lhe oferece para que produza.” A pobreza da terra, estimulando o trabalho traria a riqueza, ao passo que “a terra que produz sem trabalho só fomenta

homens que não sabem trabalhar. Não morrem de fome mas jamais serão ricos. São parasitas do solo e vivem como as plantas.”⁴⁷ Estas ideias de Sarmiento e Alberdi lembram muito aquelas já referidas de Don Félix de Azara.

Ao contrário da campanha, nas cidades portuárias implantava-se a “civilização”, a partir dos contatos fáceis com a Europa. Sarmiento é explícito: “La ciudad es el centro de la civilización argentina, española, europea; allí están los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colegios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, los pueblos cultos.”⁴⁸

Alberdi atribuía maior importância “civilizatória” à proximidade com o litoral do que propriamente com a presença de cidades: “La única subdivisión que admite el hombre americano español es un hombre del litoral y hombre de tierra adentro o mediterráneo. Esta división es real y profunda. “No litoral, o homem “es fruto de la acción civilizadora de la Europa de este siglo que se ejerce por el comercio y por la inmigración en los pueblos de la costa”, enquanto o do interior do país “es obra de la Europa del siglo XVI, de la Europa del tiempo de la conquista, que se conserva intacto como en un recipiente, en los pueblos interiores de nuestro continente, donde lo colocó España con el objeto de que se conservase así.”⁴⁹

A partir desta visão dual da sociedade platina – campo e cidade, ou litoral e interior – presente em ambos, cabe à porção “civilizada” transformar o restante da sociedade, resgatando-a do atraso. Haveria uma etapa “medieval” ou “feudal” que explicava a resistência ao progresso. Assim, Sarmiento via os caudilhos como líderes “naturais” de hordas de gaúchos “bárbaros” condicionadas para a violência no cotidiano. A ociosidade nos *boliches* e *pulperias*, propiciava confusões e arruaças: “El gaucho, a la par de jinete, hace alarde de valiente, y el cuchillo brilla a cada momento, describiendo círculos en el aire, a la menor provocación, o sin provocación alguna, sin otro interés que medirse con un desconocido.”⁵⁰

Nessas mostras de valentia, acrescenta, “Si sucede una ‘desgracia’, las simpatías están por el que desgració; el mejor caballo le sirve para salvarse a parajes lejanos, y allí lo acoge el respeto o la compasión”. O criminoso eventualmente encontrará proteção mais adiante, e inclusive “adquiere un renombre desde entonces, que se dilata sobre una ancha circunferencia.”⁵¹ Esta seria uma das bases para os bandos dos caudilhos provincianos que assumiriam um papel “parecido a la feudalidad de la Edad Media, en que los barones

residían en el campo, y desde allí hostilizaban las ciudades y asolaban las campañas, pero aquí faltan el barón y el castillo feudal.”⁵²

Para Sarmiento, o poder do caudilho sobre seus gaúchos era então afirmado em ligações pessoais: “La tradición es, por otra parte, el arma colectiva de estas estólicas muchedumbres embrutecidas por el aislamiento y la ignorancia.” Ela explicava “el levantamiento en masa de los varones a simple orden del comandante o jefe: la primitiva organización humana de la tribu nomade, en país que había vuelto a la condición primitiva del Asia pastora.” A tradição “se transmite de padres a hijos y al fin se convierte en segunda naturaleza”, como exemplifica: “El Chacho [caudilho riojano] no uso la coerción que casi siempre es necesaria para los gobiernos cultos llamar varones a la guerra.”⁵³ Assim, o alvo maior de suas críticas, o principal líder do Partido Federal, também era produto desses hábitos: “Rosas no ha inventado nada; su talento ha consistido sólo en plagiar a sus antecesores, y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema meditado y coordinado fríamente.”⁵⁴

Mesmo as insígnias dos federales, no qual era utilizado colorado, que contrastava com o azul dos unitarios, eram símbolos da “barbarie” para Sarmiento: “Los colores argentinos son el celeste y el blanco; el cielo transparente de un día sereno, y la luz nítida del disco del sol; la paz y la justicia para todos”. Em contrapartida, ele pergunta: “¿No es el “colorado” el símbolo que expresa violencia, sangre y barbarie?”⁵⁵ O autor associa o vermelho às “hordas bárbaras” da Ásia e da África, não por acaso presente nos pavilhões dos países islâmicos. Afirmou Sarmiento que atribuiu a Artigas a introdução do *colorado* como representação do federalismo⁵⁶, omitindo que isto era uma influência da Revolução Francesa, e que a cor simbolizava a Liberdade, não o apreço pelo correr do sangue!

Bem menos enfático, Alberdi adota o “feudalismo”, menos pelas raízes “culturais” levantadas por Sarmiento, mas, sobretudo, pela descentralização do poder: “Em política, por exemplo, a federação americana que não é senão o feudalismo de sua idade média”.⁵⁷

Esta fragmentação do poder tinha relação com “el suelo extenso y desierto, por la colonización española mal establecida, por los restos de razas indígenas”. Assim, como uma herança arcaica daquele passado colonial, aparecia a característica principal que assumia o poder na Argentina: “El caudillo en todas las jerarquías de la vida argentina, es la autoridad discrecional e

irresponsable, y es así por una necesidad derivada del modo de ser de esa nación pastora.”⁵⁸

As soluções propostas para colocar a Argentina – por extensão a América – envolviam a submissão ou mesmo o extermínio da “barbarie”. Mais radical, Sarmiento expressava em *El Chacho* que se “el bárbaro es insensible de cuerpo”, era quase certo que seguiria uma senda de crimes repetindo “cien veces el mismo hecho si no ha recibido el castigo en la primera.”⁵⁹ Na medida em que as hostes dos caudillos, as *montoneras*, eram tropas irregulares, o pragmatismo de Sarmiento indicava que não cabia tratá-las como soldados, mas como bandidos comuns: “Los ‘guerrillas’ desde que obran fuera de la protección de gobiernos y ejércitos, están fuera de la ley y pueden ser ejecutados por los jefes en campaña.”⁶⁰ Durante a Guerra da Tríplice Alianza, numa carta dirigida ao vice-presidente Marcos Paz recomendando recrutamentos forçados, ele escreveu: “No ahorre sangre de gaúchos; si para algo sirve, es para abonar la tierra.”

Alberdi, por seu turno, apostava mais na imigração de ingleses para repovoar o país. A formação bacharelesca herdada dos espanhóis deveria ser substituída por estudos que visassem “conocimientos de utilidad material y inmediata”, o que exigiria o ensino do “idioma inglés, como idioma de la libertad, de la industria y del orden, debe ser aún más obligatorio que el latín; no debiera darse diploma ni título de al joven que no lo hable o no lo escriba.”⁶¹ Alberdi propunha que, a exemplo do que ocorrera na Califórnia, houvesse uma fusão de novas levas anglo-saxônicas com a população nativa: “Crucemos con ella nuestro pueblo oriental y poético de origen, le daremos la aptitud del progreso y de la libertad practica, sin que pierda su tipo, su idioma, ni su nacionalidad.”⁶² De uma forma menos drástica, desapareceriam os homens da fronteira, *los gauchos*, e com eles o atraso e a “barbarie” assolavam a Argentina.

Sarmiento e Alberdi desenvolveram obras muito originais para o seu tempo, e tiveram uma série de seguidores, como Bartolomé Mitre, Estebán Echeverría, Vicente Lopez, entre outros. O pensamento liberal do século XIX foi sem dúvida tributário desses homens, que apostaram na vitória da “civilização” urbana sobre a “barbárie” da campanha. No entanto, a voz dos *gauchos* derrotados seria incorporada por outros intelectuais urbanos, criadores de um gênero singular: a literatura gauchesca!

A GAUCHESCA: RECONSTRUÇÃO LITERÁRIA DA FRONTEIRA

A palavra *gaucho* é uma das tantas de origem ainda obscura, e que teve muitos significados. Surgiu em fins do XVIII, designava os *hombres sueltos* da campanha platina, com uma rica sinonímia: *vagamundo*, *gaudério*, *vago*, *malentretido*, *cuatrero*, entre tantas; todas elas se referiam aos indivíduos sem relações de trabalho estáveis, quase sempre associados a algum tipo de delito⁶³. Esses mesmos homens comporiam as hostes irregulares dos caudilhos das guerras de independência e nas disputas que viriam na formação dos Estados nacionais. Seguiu a avaliação depreciativa, agora com a expressão *montonero* – aquele que vem do *montón*, da plebe – numa diferença qualitativa com os exércitos regulares. E esta legenda negra do gaúcho atravessou quase todo o século XIX com poucas vozes para contestá-la.

A construção de um mito na literatura permite perceber como alguns intelectuais reagiram aos pensadores liberais recriando o passado como um processo de subjugação dos *gauchos*, os reais criadores do país. Para tanto, optamos por dois temas recorrentes nesta literatura – mais tarde chamada de *gauchesca* – que viria a se constituir numa das mais originais criações culturais do espaço platino: os gaúchos guerreiros, que lutaram pelos novos ideais americanos de liberdade e igualdade, onde é ímpar Bartolomé Hidalgo, o “pai” da gauchesca; o passado idealizado, no qual os gaúchos viviam harmoniosamente nos pagos, até os ataques da “civilização”, que teve José Hernández como nome máximo. A abordagem destes dois poetas será eventualmente referenciada a outros literatos, quando se fizerem necessárias algumas observações pertinentes.

“LA GUERRA GAUCHA”: OS PROTAGONISTAS DA INDEPENDÊNCIA

A primeira expressão da literatura gauchesca foi o oriental Bartolomé Hidalgo, engajado nas hostes de Artigas que apossaram os realistas espanhóis cercados em Montevidéu. Usando linguagem e formas poéticas populares, Hidalgo tratava de recontar os feitos da *montonera* artiguista, portadora dos ideais libertários e igualitários americanos contra a intolerável dominação europeia do mundo colonial espanhol que se esboroava. O poema mais comum na obra de Hidalgo era o *cielito*, uma espécie de balada curta, a qual

relatava algum episódio da guerra, muitas vezes atribuindo sua autoria aos gaúchos em seus momentos de repouso das batalhas. Um exemplo é este que “cantaban los patriotas” no cerco de Montevideu: “Cielo de los mancarrones / Ay! cielo de los potrillos / Ya brincarán cuando sientan / Las espuelas y el lomillo.”⁶⁴

Os gaúchos de Artigas estavam prontos para “domar” os espanhóis como faziam com seus “mancarrões”. Aqui está presente um dos aspectos mais importantes do engajamento militar dos gaúchos, que era fazer da guerra uma extensão das suas vidas nas estâncias: domar potros, fazer contrabando, saquear os inimigos e lutar pelo estancieiro-caudilho faziam parte do mesmo cotidiano. Nos *cielitos* aparecem ainda os adversários portugueses, na primeira invasão em 1811 para auxiliar os militares de Espanha contra a campanha de Artigas: Cielito, cielo que sí, / Cielo hermoso y halagueño, / Siempre ha sido el Portugués / Enemigo muy pequeño.”⁶⁵

Mais tarde, os *cielitos* de Hidalgo seguiram narrando os feitos das guerras de independência que San Martín capitaneou no Chile e no Peru, como neste “que compuso un gaucho” cantando os feitos da batalha de Maipú: “Quedó el campo enteramente / Por nuestros americanos, / Y Chile libre se quedó / Para siempre de tiranos.”⁶⁶ Nos anos sessenta do século XX, o movimento artístico Canto Popular recuperou os *cielitos* para o cancionero *de protesta* vinculado às esquerdas uruguaias, como nos casos de Alfredo Zitarrosa e Daniel Viglietti.⁶⁷)

Outra modalidade poética introduzida por Hidalgo foi o *diálogo patriótico*, uma forma pedagógica de, na linguagem campeira, permitir aos homens do campo uma melhor compreensão da movediça cena política que se desenvolvia no Rio da Prata. Este trabalho pedagógico era exercido pelo capataz de estância Jacinto Chano, “*hombre escrito*”, experiente e sábio, o qual responde as dúvidas do gaúcho Ramón Contreras, como sobre as disputas entre as províncias: “*De todas nuestras Provincias / Se empezó a hacer distinción / Como si todas no juesen / Alumbradas por un sol; / Entraron a desconfiar / Unas de otras con tesón.*”⁶⁸

Muitos *cielitos* e *diálogos patrióticos* de autores anônimos foram recolhidos por Eduardo Jorge Bosco, Francisco Acuña de Figueroa, Martiniano Leguizamón, Ricardo Rodríguez Molas, entre tantos⁶⁹. As lutas pela organização nacional modificariam o tema dessas rimas, que deixava pouco a pouco de ser a pátria americana para identificar-se com um ou outro dos caudi-

lhos – Dorrego, Rosas, Quiroga, Peñaloza, Varela, entre muitos – compondo um conjunto amplo e difuso do assim chamado *Cancionero Federal*.⁷⁰

Os gaúchos como protagonistas da nação americana estão também presentes na literatura oriental. Em Javier de Viana eles são em geral veteranos da gesta artiguista, que se dispõem a mais uma lida pela pátria que ajudaram a construir, mesmo que isso implique sacrifício de seus bens e situações pessoais, como responde o velho capataz Telmo à convocação de Don Torcuato: “– ¿Pa que hablar?... Usted sabe que yo soy como los perros: cuando monta a caballo y me chifla, lo sigo, sin preguntarle p’ande vamos ni qué vamos hacer... ¿Entuavía hay que sacudirse por la Patria?... ¡Ni que convidar carecel!...”⁷¹ Logo adiante, acrescenta sua contribuição ao esquadrão que se formava: “– Nosotros semos tres: yo, mi zaino pangaré y mi lanza...” Na ênfase dada ao sentimento patriótico dos gaúchos, mas se disfarça a relação pessoal entre o estancieiro que reúne o contingente armado e o peão, que o seguiria sob qualquer outra bandeira.

Também no Uruguai a gauchesca encontrou motes nos caudilhos federalistas, transferindo-lhes o papel de construtores da nação como verdadeiros representantes da plebe rural. É possível até que um mesmo autor homenageie vultos do passado que em seu tempo foram inimigos figadais, como fez Sandalio Santos com Lavalleja – “*Plasma de Artigas la altivez y el brío*”⁷² – e também com seu arquiinimigo Rivera: “*Nadie como tú alcanzó / el cariño popular / Nadie en rudo batallar / Tantas veces se encontró / Nadie más lejos llevó / La libertaria contienda (...)*”⁷³

No Rio Grande do Sul, onde a literatura gauchesca teve aparecimento mais recente que no Prata, a ideia de pátria exhibe as contradições presentes na própria historiografia regional na forma de uma “matriz platina” e de uma “matriz luso-brasileira” na formação do Rio Grande⁷⁴: os gaúchos rio-grandenses que deram seu sangue para afirmar a “marca portuguesa” no espaço platino castelhano foram os mesmos que se rebelaram e repeliram a autoridade do Império, e os chefes farroupilhas receberam por parte dos literatos o papel de liderança incontestável dos homens da campanha.

Neste sentido, é ímpar João Simões Lopes Neto, que apresenta os rio-grandenses de antanho face aos vizinhos platinos e ao Império do Brasil. No conto *Melancia – Coco Verde*, a guerra na fronteira serve como pano de fundo para o romance dos protagonistas; já em *O Anjo da Vitória*, o personagem-narrador Blau Nunes rememora a batalha do Passo do Rosário que culmi-

nou com a Guerra da Cisplatina⁷⁵. Em outros contos, Blau aparece como “*furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves*”, e a pátria dos gaúchos é a República Rio-Grandense; esta referência acontece em muitas das narrativas e o tema da secessão é central em *Duelo de Farrapos*.⁷⁶

Dois outros contos mostram o papel dos gaúchos na construção de um espaço, apesar das intromissões indevidas do Império. Em *Contrabandista*, há um verdadeiro libelo na defesa daqueles que desrespeitavam os limites políticos oficiais e desobedeciam as decisões centrais⁷⁷; já *Chasque do Imperador* é uma humorada narrativa da vinda de Pedro II para acompanhar a guerra contra os paraguaios que haviam tomado Uruguaiana, onde os contrastes entre a vida rude nos campos e os hábitos refinados que pretensamente tinham as pessoas da Corte ficavam evidentes.⁷⁸

Desta forma, contrariamente à produção argentina e uruguaia, a gauchesca rio-grandense é muito ambígua ao fazer dos gaúchos protagonistas da pátria que se forjava, na medida em que frequentemente estavam os mesmos rio-grandenses em disputa direta com o governo central. Afinal, se os gaúchos tiveram uma presença em quase todas as guerras de independência e civis das províncias argentinas e no Uruguai, no Brasil tem expressão localizada, e o patriotismo se confunde com defesa dos interesses regionais do Rio Grande do Sul (também os da metade sul de Santa Catarina durante a efêmera República Juliana).

“EL GAUCHO MÁS INFELIZ TENÍA TROPILLA DE UN PELO”: PASSADO IDEALIZADO

É muito frequente na literatura gauchesca a referência mítica a um passado onde todos eram felizes, e os gaúchos tinham sua sobrevivência garantida, o trabalho mais parecia diversão, e o amor à liberdade garantia a igualdade entre todos. Nesta idealização, não foi a economia da estância que subjugou os gaúchos, mas a presença crescente das autoridades citadinas – os *puebleros*, homens que viviam nos núcleos urbanos, *pueblos* – sobre os *paisanos* – os que viviam no campo, *pais*. Por imposições vindas das cidades foram se transformando os campos e seus homens, e os tempos antigos, quando os gaúchos eram mais verdadeiros, são lembrados com nostalgia.

Neste sentido, são exemplares os cantos II e III do “Martín Fierro”, o grande clássico da poesia gauchesca de José Hernández. Narrando a vida

que levava antes de iniciarem seus avatares, Fierro canta: “Yo he conocido esta tierra / en que el paisano vivía / y su ranchito tenía / y sus hijos y mujer... / Era una delicia en ver / cómo pasaba sus días.”⁷⁹ Moradia, vida familiar e também fartura faziam parte do passado do gaúcho: “Y con el buche bien lleno / era cosa superior / irse en brazos del amor / a dormir como la gente / pa empezar al día siguiente / las fáinas del día anterior.”⁸⁰

Comparando com as agruras do presente, segue Fierro: “Ricuerdo... ¡qué maravilla! / cómo andaba la gauchada / siempre alegre y bien montada / y dispuesta pa el trabajo / pero hoy en el día... ¡barajo! / no se la ve de apropiada.”⁸¹ Os versos resumindo este mundo já desaparecido poderiam ser estes: “El gaucho más infeliz / tenía tropilla de un pelo; / no le faltaba un consuelo / y andaba la gente lista ... / Tendiendo al campo la vista, / solo vía hacienda y cielo.”⁸²

A alegria da gauchada não se limitava aos gozos da vida, já que o próprio trabalho era motivo de orgulho e divertimento. Aqui aparecem com destaque as habilidades campeiras dos gaúchos, uma das principais tônicas da literatura gauchesca: “¡Ah, tiempos!... ¡Si era un orgullo / ver ginetear un paisano! / Cuando era gaucho baquiano, / aunque el potro se boliasse / no había uno que no parase / con el cabresto en la mano.”⁸³ Mais adiante, o poema inclui como fator importante para o bom andamento dessa vida campeira o tratamento igualitário do patrão, liberal com seus peões que tão satisfeitos executavam suas tarefas: “Aquello no era trabajo, / más bien era una junción, / y después de un guen tiron / en que uno se daba maña / pa darle un trago de caña / solía llamarlo el patrón.”⁸⁴ Permanecer na estância era ainda a garantia de não sofrer os atropelos da odiosa autoridade pueblera, como atesta Fierro: Estaba el gaucho en su pago / con toda siguridad, / pero aura... ¡barbaridá! / la cosa anda tan fruncida, / que gasta el pobre la vida / en juir de la autoridad.”⁸⁵

Assim Hernández conta de um tempo idílico o qual sequer corresponderia às tentativas de reconstituição feitas pelos estudiosos: Fierro, caso fosse real, teria vivido nos tempos de Rosas, no centro da província de Buenos Aires – Tandil e Lobería Grande – numa época em que já predominava a cria de ovinos e entravam trabalhadores europeus. Ou seja, a perseguição e subjugação dos gaúchos teriam ocorrido muito antes!

Já no Rio Grande do Sul, foi também Simões Lopes talvez o autor mais preocupado com esse tempo tão pretérito. Há em alguns textos refe-

rências à época em que não estavam bem definidas as propriedades, e onde os gaúchos tinham uma notável liberdade de vagarem pelos campos. O parágrafo inicial de *O Negrinho do Pastoreio* é um exemplo disto⁸⁶, assim como no conto *Correr Eguada*.⁸⁷ Neste espaço ainda carente de limites, também os trabalhadores não pareciam fixados às estâncias; esta auto-suficiência é expressiva em Blau Nunes, em *Salamanca do Jarau*.⁸⁸ Também Simões Lopes Neto partilha a noção de que a lida campeira, mais que um trabalho árduo, era um divertimento, como nas temerárias ações que são relatadas em *Correr Eguada*.⁸⁹

A transição para os “novos tempos é essencial em Hernández para toda a dramaticidade da saga de Martín Fierro. Agarrado com tantos outros quando cantava numa *pulpería*, foi enviado para o serviço militar pelo Juiz de Paz, autoridade urbana, na fronteira com os índios no sul da província de Buenos Aires. Lá, mais que garantir os avanços dos *infieles*, prestava serviços nas propriedades dos comandantes, autoridades nomeadas pelos *puebleros*: “¿Y qué índios, ni qué servicio, / si allí no había ni cuartel / Nos mandaba el coronel / a trabajar en sus chacras, / y dejábamos las vacas / que las llevara el infiel.”⁹⁰ Os muitos desencantos de Fierro levam-no a desertar e retornar ao pago, onde encontra o rancho virado em tapera e desaparecidos mulher e filhos. Havia agora um mundo que perseguia o gaúcho, e neste novo tempo Fierro também seria diferente.

Um dos raros escritores gauchescos a tratar da delinquência atribuída ao gaúcho, Hernández a explica a partir da opressão que determinavam as autoridades urbanas, vale dizer, o grupo unitário que tratava de organizar a nação a partir da cosmopolita Buenos Aires. As tropelias que sofreu, Fierro cobrará com violência: “Yo he sido manso primero / y seré gaucho matrero / en mi triste circunstancia, / aunque es mi mal tan profundo; / nació y me hé criado en estancia, / pero ya conozco el mundo.”⁹¹ Como gaucho matrero, sofrerá a perseguição das autoridades – “De carta de más me vía / sin saber adónde dirme: / me dijeron que era vago / y entraron a perseguirme”⁹² – e cometerá crimes que terminam obrigando-o a refugiar-se nas *tolderías* dos índios. Este foi o primeiro libelo em defesa dos campeiros, fazendo da causa dos gaúchos um problema social.

Bem diferente é a visão de Simões Lopes sobre a delinquência que resulta de desvios individuais e das paixões humanas. O exemplo mais candente está em *O Negro Bonifácio*, uma das raras abordagens da questão étnica

na literatura regional. Na idealização do gaúcho como homem livre, era problemático o tratamento dos “gaúchos negros”, libertos ou foragidos. No “Martín Fierro”, o racismo está explícito na provocação que Fierro faz ao negro, no primeiro duelo de morte em que se envolve: “A los blancos hizo Dios, / a los mulatos San Pedro / a los negros hizo el diablo / para tizón del infierno.”⁹³ Já o negro Bonifácio cria uma situação mais tensa, pois ele não é provocado, é o provocador, é um invasor do convívio de homens livres, que se presumem brancos, e sua própria aparição é um acinte para os demais. Na encarnizada luta, o negro apesar de ser morto é o vitorioso, na acepção máxima de delinquência em Simões Lopes; aqui, diferentemente de Hernández, ele não é um produto explícito de um mundo injusto, apesar de estarem presentes as motivações racistas, mas pelas suas más qualidades que contrastam com as dos demais; assim, a chacina resultou numa “limpeza” daquele pago.⁹⁴

Há outros exemplos de comportamento desviante em Simões Lopes. Em *Deve um Queijo*, um castelhano alto, forte e provocador é surrado e humilhado pelo velho Lessa, pequeno e humilde⁹⁵, como a mostrar que a valentia dos gaúchos não se confunde com bravatas. Em *Jogo do Osso*, Chico Ruivo joga e perde a “china” numa cancha de *taba* – o popular “jogo do osso”, comum em todo o Rio da Prata – tornando-se objeto de um desprezo que só pode resgatar pela morte da mulher e do ganhador da aposta.⁹⁶ Esses e outros casos apontam para desequilíbrios entre os campeiros que se deviam mais à má índole dos protagonistas que a problemas derivados de uma opressão social. O mundo rural está mudando, existe uma nostalgia do passado, mas o presente na estância ainda reserva prazeres que a vida na cidade não compensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma conclusão para temática ainda tão aberta seria temerário, pelo que apenas adianto algumas impressões que estes estudos puderam suscitar. Obviamente trata-se ainda de um terreno pouco firme, tanto em relação à questão das fronteiras propriamente dita, quanto pelo caráter também fronteiro dos estudos que transita pela História e pela Literatura. A primeira tem compromissos formais que dizem respeito a questões teóricas,

metodológicas e técnicas; a ficção por seu turno procura simplesmente a verossimilhança! Nesses autores muito brevemente tratados, as preocupações diziam respeito às definições de fronteiras em pleno processo de formação dos Estados nacionais; ou seja, eles tinham como tarefa a criação mesma das nações!

Nos Estados Unidos da América tratava-se de justificar a especificidade dos americanos que, se por certo descendiam dos ingleses, estavam muito mais habilitados para a conquista do país e construção da nação do que seus antepassados; a hostilidade das fronteiras criara homens capazes de arrostar os perigos que tanto medo causavam aos europeus. Características como frugalidade, rusticidade, alguma falta de escrúpulos, procura incessante pelo lucro, tornavam o homem americano capaz de levar adiante a fronteira, empurrando os “outros” – ingleses, franceses, indígenas, espanhóis, mexicanos etc. – sempre para frente, o que redundaria na doutrina do Destino Manifesto, quase uma manifestação da Providência.

Já os intelectuais platinos, exemplos mais precoces na América Latina em relação às preocupações com os males que afligiam o continente e a busca por soluções, fizeram a pregação inversa. Talvez a ausência de uma burguesia autóctone tenha condicionado os liberais argentinos a buscarem soluções onde não cabiam anseios mais democráticos. Se a abertura da fronteira aos aventureiros da conquista do oeste era garantia de progresso para os industriais da Nova Inglaterra, o caráter subalterno da economia exportadora platina ao imperialismo inglês não permitia a busca de projetos de inclusão, e a única via para o progresso se daria pelo extermínio dos habitantes da terra e sua substituição por novos trabalhadores. A paz trazida pelos Estados oligárquicos foi assentada na exclusão dos demais grupos sociais, e terminaria frustrando intelectuais como Sarmiento.

A literatura gauchesca, por outro lado, tratou de atribuir à plebe do campo, aos *gauchos* que haviam feito as fronteiras, um papel protagonista; eram eles os legítimos homens americanos, e a eles as nações construídas deviam reverência, não aos emproados escritores liberais, voltados para os valores da civilização europeia.

NOTAS

¹ GUAZZELLI, Cesar A. B. *Caudilhos e Montoneros de La Rioja: Sociedade e Discurso (1862-1867)*. Porto Alegre: PPG História UFRGS (Dissertação), 1990. GUAZZELLI, Cesar A. B. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Rio de Janeiro: PPG História Social (Tese), 1998.

² Como resultados mais palpáveis disto, foram realizadas duas Dissertações de Mestrado por pesquisadoras a ele associadas, cada uma delas dedicada a uma das fronteiras em questão: GOMES, Carla Renata A. de S. *De Rio-Grandense a Gaúcho: o Triunfo do Avesso*. Porto Alegre: PPG História UFRGS, 2006 (publicada como livro em abril de 2009); FREITAS, Renata Dal Sasso. *Páginas do Novo Mundo: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos Estados brasileiro e norte-americano no século XIX*. Porto Alegre: PPG História UFRGS, 2008. (

³ Palavra sem tradução em português; é o caçador de peles que se utiliza de armadilhas.

⁴ BOONE, Daniel & HAWKS, Francis L. *Daniel Boone: His Own Story & The Adventures of Daniel Boone, the Kentucky Rifleman*. Bedford (Massachusetts): Applewood Books, 1996, p. 29.

⁵ Id. Ibid.

⁶ DE VOTO, Bernard (ed.). *The Journals of Lewis and Clark*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

⁷ NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. viii.

⁸ COOPER, James Fenimore. *The Pioneers (or The Sources of the Susquebanna)*. New York: Penguin, 1964., p. 20-21.

⁹ Id., ibid., p. 21.

¹⁰ COOPER, James Fenimore. *The Last of the Mohicans*. New York: Bantam Books, 1989, p. 3.

¹¹ Cooper inaugurou esta modalidade que se tornaria um clichê nas obras ficcionais sobre o oeste americano: a amizade entre o herói branco e o “bom” índio, *moicanos* ou *pawnees*. Alguns exemplos estão presentes na literatura de Karl May (*Old Shatterband* e *Winnetou*) e no cinema (*Lone Ranger* e *Tonto*). Também criou a imagem dos “maus” índios, respectivamente *mingoes* e *sioux*.

¹² COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. 9.

¹³ Id., *ibid.*, p. 10.

¹⁴ NEVIUS, *op. cit.*, p. xxi.

¹⁵ COOPER, James Fenimore. *The Pathfinder (or The Inland Sea)*. New York: Penguin Books, 1980.

¹⁶ COOPER, James Fenimore. *The Deerslayer (or The First Warpath)*. New York: Bantam Books, 1982, p. 5.

¹⁷ *Tejas* em castelhano arcaico escrevia-se *Texas*, de onde derivou o nome do atual estado norte-americano.

¹⁸ Se essas designações pejorativas forem comparadas com a obra de Cooper, certamente adquirem significado: *leatherstocking* foi a designação que o autor deu para a série sobre as fronteiras, nomeando assim o herói Natty Bumppo; *longrifle* era o apelido que tinha entre seus inimigos *mingoes*.

¹⁹ WARD, Geoffrey C. *The West. An Illustrated History*. Boston: Little, Brown and Company, 1996, p. 64.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 65.

²¹ Atribui-se a Jim Bowie a invenção da faca de caça de lâmina larga que leva seu nome. DOMENECH, Abel. *Del Facón al Bowie*. Buenos Aires: El Alamo, 1988.

²² WARD, *op. cit.*, p. 70-71.

²³ Id. *Ibid*, p. 65.

²⁴ CROCKETT, David. *A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee*. Lincoln: Nebraska University Press, 1987, p. 15.

²⁵ WARD, *op. cit.*, p. 71.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 69.

²⁷ WARD, *op. cit.*, p. 78.

²⁸ CODY, William Frederick. *A Autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

²⁹ TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in the American History*. New York: Dover, 1996.

³⁰ AVILA, Arthur Lima de. E da Fronteira veio um Pioneiro: a “frontier thesis” de Frederick Jackson Turner (1861-1932) Porto Alegre: PPG História UFRGS (Dissertação), 2006. KNAUSS, Paulo (organizador). *Oeste Americano. Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América por Frederick Jackson Turner*. Niterói: EDUFF, 2004..

³¹ AZARA, Félix. *Memória sobre el Estado Rural del Rio de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.

³² Esta ideia foi inspiradora do futuro projeto agrário de José Artigas, que auxiliou Azara em sua missão no Rio da Prata tardo-colonial, no projeto colonizador do Batoví (atual São Gabriel, Rio Grande do Sul).

³³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y Barbarie*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.

³⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.

³⁵ ALBERDI, Juan Bautista. Governar é Povoar. Preâmbulo de *Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina*. Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério de Relações Exteriores, 1941. *Cartas Quillotanas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1945. SARMIENTO, Domingo F. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.

³⁶ SARMIENTO, *Facundo...*, p. 23-24.

³⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Darwin: síntesis de la evolución del pensamiento laico. *Evolución*. Buenos Aires: Sociedad Luz, sin fecha.

³⁸ ALBERDI, Juan B. Governar é Povoar, op. cit., p. 34-36.

³⁹ ALBERDI, *Bases...*, p. 221.

⁴⁰ Id. Ibid, p. 232.

⁴¹ Id. Ibid, p. 239.

⁴² SARMIENTO, *Facundo...*, Op. Cit., p. 23.

⁴³ Id. Ibid, p. 29.

⁴⁴ Id. Ibid, p. 22.

⁴⁵ ALBERDI, Governar é Povoar..., p. 40.

⁴⁶ SARMIENTO, Op. Cit., p. 27.

⁴⁷ ALBERDI, Op. Cit., p. 43-44.

⁴⁸ SARMIENTO, Op. Cit., p. 25.

⁴⁹ ALBERDI, *Bases y Puntos...*, p. 83.

⁵⁰ SARMIENTO, op. cit., p. 42.

- ⁵¹ Id. Ibid, p. 43.
- ⁵² SARMIENTO, Op. Cit., p. 27.
- ⁵³ SARMIENTO, Domingo F. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973. p. 75.
- ⁵⁴ SARMIENTO, *Facundo...*, p. 48.
- ⁵⁵ Id. Ibid, p. 87-88.
- ⁵⁶ Id. Ibid, p. 88-89.
- ⁵⁷ ALBERDI, Juan B. Governar é Povoar..., p. 40.
- ⁵⁸ ALBERDI, *Cartas Quillotanas*, p. 80.
- ⁵⁹ SARMIENTO, El Chacho..., p. 74
- ⁶⁰ Id. Ibid., p. 195. Isto não era uma simples retórica: ser considerado “insurgente”, por exemplo, tinha legitimidade que não era dada a “rebelde”; da mesma forma “corsário” em relação a “pirata”. Ainda contemporaneamente a expressão “guerrilheiro” teve aquele significado pejorativo presente em Sarmiento; também a expressão “terrorista” é usada para tirar legitimidade a alguns movimentos armados de resistência.
- ⁶¹ ALBERDI, *Bases...*, p. 77.
- ⁶² Id. Ibid. p. 242.
- ⁶³ CONI, Emílio. *El Gaucho*. Buenos Aires: Solar/Hachette, s/d.
- ⁶⁴ HIDALGO, Bartolomé. *Cielitos y Diálogos Patrióticos*. Montevideo: Signo, 1967, p.5-6.
- ⁶⁵ Id., p.9.
- ⁶⁶ Id., p.15-16.
- ⁶⁷ AGUIAR, José Fabiano Gregory Cardoso. “*Cantar Opinando*”: *Música Popular e Estado Autoritário – O Canto Popular no Uruguai como elemento de contestação política e social – 1967-73*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2008.
- ⁶⁸ Id. p.55.
- ⁶⁹ BECCO, Horacio Jorge. *Cielitos de la Patria*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1985.
- ⁷⁰ VIGNOLO, Griselda (sel.). Cancionero Federal. *Cuadernos de Crisis 26*. Buenos Aires: Crisis, 1976.
- ⁷¹ VIANA, Javier de. *La Biblia Gaucha*. Por la Patria. Montevideo: Tauro, 1973, p.71.

- ⁷² SANTOS, Sandalio. *Decimas de Sandalio Santos*. Lavalleja. Montevideo: Fogón, 1954, p.66.
- ⁷³ Id. Ibid. Al General Rivera, p.55.
- ⁷⁴ GUTFREIND, Ieda. *Historiografia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.
- ⁷⁵ LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1976, p.86.
- ⁷⁶ Id. Ibid. Duelo de Farrapos, p.103.
- ⁷⁷ Id. Ibid. Contrabandista, p.92.
- ⁷⁸ Id. Ibid. Chasque do Imperador, p.58.
- ⁷⁹ HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. El Gaucho Martín Fierro. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998, p.22.
- ⁸⁰ Id. Ibid., p.24.
- ⁸¹ Id. Ibid., p.24
- ⁸² Id. Ibid., p.25.
- ⁸³ Id. Ibid., p.24.
- ⁸⁴ Id., ibid., p.25.
- ⁸⁵ Id., ibid., p.26.
- ⁸⁶ LOPES NETO, João Simões. *Lendas do Sul*. O Negrinho do Pastoreio. Porto Alegre: /Globo, 1974, p.95.
- ⁸⁷ LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos*. Correr Eguada. Porto Alegre: Globo, 1976, p.49.
- ⁸⁸ LOPES NETO. *Lendas...*, *op. cit.* A Salamanca do Jarau, p.21.
- ⁸⁹ LOPES NETO. *Contos...*, *op. cit.* Correr Eguada, p.53.
- ⁹⁰ HERNÁNDEZ. *Op. cit.*, p.31.
- ⁹¹ Id. Ibid., p.52.
- ⁹² Id. Ibid., p.53.
- ⁹³ Id. Ibid., p.55.
- ⁹⁴ LOPES NETO. *Contos...*, *op. cit.* O Negro Bonifácio, p.17.

⁹⁵ Id. Deve um Queijo, p. 41-42.

⁹⁶ Id. Jogo do Osso, p. 100.

REFERÊNCIAS

- ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.
- _____. *Cartas Quillotanas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1945.
- _____. Governar é Povoar. In: *Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina*. Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério de Relações Exteriores, 1941.
- AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a "frontier thesis" de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: PPG História UFRGS (Dissertação), 2006.
- AZARA, Felix. *Memória sobre el Estado Rural del Río de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.
- BOONE, Daniel & HAWKS, Francis L. *Daniel Boone: His Own Story & The Adventures of Daniel Boone, the Kentucky Rifleman*. Bedford (Massachusetts): Applewood Books, 1996.
- CODY, William Frederick. *A Autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- CONI, Emílio. *El Gaucho*. Buenos Aires: Solar/Hachette.
- COOPER, James Fenimore. *The Pioneers (or The Sources of the Susquehanna)*. New York: Penguin, 1964.
- _____. *The Last of the Mohicans*. New York: Bantam Books, 1989.
- _____. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987.
- _____. *The Pathfinder (or The Inland Sea)*. New York: Penguin Books, 1980.
- _____. *The Deerslayer (or The First Warpath)*. New York: Bantam Books, 1982.
- CROCKETT, David. *A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee*. Lincoln: Nebraska University Press, 1987, p. 15.
- DE VOTO, Bernard (ed.). *The Journals of Lewis and Clark*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.
- DOMENECH, Abel. *Del Facón al Bowie*. Buenos Aires: El Alamo, 1988.
- FREITAS, Renata Dal Sasso. *Páginas do Novo Mundo: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos Estados brasileiro e norte-americano no século XIX*. Porto Alegre: PPG História UFRGS (Dissertação), 2008.

CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI

- GAZINHATO, Laércio. A Faca Bowie. A Mais Famosa de Todos os Tempos. *Magnum Edição Especial*. São Paulo: Editora Magnum, dez. 1990 / jan. 1991.
- GOMES, Carla Renata A. de S. *De Rio-Grandense a Gaúcho: o Triunfo do Aveso*. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Caudillos e Montoneros de La Rioja: Sociedade e Discurso (1862-1867)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 1990.
- _____. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (185-1845)*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 1998.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. El Gaucho Martín Fierro. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.
- HIDALGO, Bartolomé. *Cielitos y Diálogos Patrióticos*. Montevideo: Signo, 1967.
- KNAUSS, Paulo (organizador). *Oeste Americano. Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América por Frederick Jackson Turner*. Niterói: EDUFF, 2004.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- _____. *Lendas do Sul*. Porto Alegre: APLUB/Globo, 1974.
- NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. viii.
- SANTOS, Sandalio. *Decimas de Sandalio Santos*. Lavalleja. Montevideo: Fogón, 1954.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y Barbarie*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.
- _____. El Chacho. In: *Vidas del Chacho*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1973.
- TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in the American History*. New York: Dover, 1996.
- VIANA, Javier de. *La Biblia Gaucha*. Por la Patria. Montevideo: Tauro, 1973.
- VIGNOLO, Griselda (sel.). *Cancionero Federal*. Cuadernos de Crisis 26. Buenos
- WARD, Geoffrey C. *The West. An Illustrated History*. Boston: Little, Brown and Company, 1996.

RESUMO: O texto pretende uma análise comparativa entre as representações construídas pela literatura do século dezenove em relação às fronteiras americanas e os fronteiriços. Neste sentido, pretende-se demonstrar que nos Estados Unidos da América houve uma produção textual apologética dos seus pioneiros primeiro, e *cowboys* depois, enquanto os intelectuais no Rio da Prata criaram uma legenda negra dos *gauchos*, que só seria contestada pela imposição da literatura gauchesca nas últimas décadas do Oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras; Fronteiriços; História e Literatura

ABSTRACT: It attempts to make a comparative analysis of the representations constructed by the literature of the nineteenth century in relation to the American frontier and the border. The intention is to demonstrate that the United States of America was an apologetic text production of its first pioneers, cowboys and then, as intellectuals in the River Plate have created a black legend of the gauchos, who would only be challenged by the imposition of gaucho literature the last decades of the nineteenth century.

KEY-WORDS: Borders, Border, History and Literature.

